

## Uma cadeira vazia num canto da memória

Ramsés Albertoni Barbosa<sup>1</sup>

Eles se conheceram aos sete anos de idade, numa manhã abafada de dezembro, quando as cigarras já cantavam alto nos galhos secos das árvores. Moravam na mesma rua de uma pequena cidade no interior de Minas Gerais, uma rua de terra batida, estreita e irregular, que descia em curvas suaves em direção ao córrego onde as crianças costumavam brincar depois da escola. A poeira vermelha subia a cada passo, tingindo as sandálias, os tornozelos e até os sorrisos.

As casas da rua tinham quintais fundos, cheios de sombra e cheiros, pés de manga, de goiaba, de limão-cravo. As galinhas ciscavam soltas entre os restos de verduras jogadas ao chão, os varais balançavam com lençóis alvejados ao sol, e o som das conversas atravessava as cercas de madeira baixa, misturando os vizinhos num único grande quintal compartilhado.

Lucas já morava ali havia algum tempo. Era um menino calado, de cabelo desgrenhado, que passava as tardes construindo fortalezas de areia atrás da casa

---

<sup>1</sup> Professor de Artes, Pesquisador de Pós-doutorado em Artes (PPGCA-UFF), Doutor em Artes (PPGACL-UFJF), Mestre em Comunicação (PPGCOM-UFJF), Mestre em Poética (PPGCL-UFRJ).  
Endereço eletrônico: ramalbertoni@gmail.com

---

da mãe, uma costureira de mãos firmes e voz doce. O pai, músico andarilho, sumira logo depois do nascimento dele, deixando uma caixa de vinis, um violão desafinado e uma coleção de cartas nunca abertas. Lucas crescera entre tecidos, sons abafados da máquina de costura e os cheiros de comida simples que vinham da cozinha.

A família de Paulo chegou num caminhão de mudança, trazendo os móveis, algumas caixas e um rádio grande, envolto em cobertor. O pai havia conseguido emprego na agência dos Correios e, com a mudança, a promessa de um recomeço. A mãe trazia no rosto o cansaço típico de quem já se mudara mais vezes do que gostaria, mas ainda assim sorriu para os vizinhos com um gesto tímido de quem torce para que aquilo, enfim, seja casa.

Lucas viu o caminhão da mudança pela janela da cozinha, com os pés pendurados na cadeira e uma colher de arroz na mão. No dia seguinte, a mando da mãe, atravessou a rua com um bolo de fubá ainda morno, coberto com açúcar e canela. A mãe de Paulo agradeceu, ofereceu um café aguado, e foi assim que os dois meninos acabaram no quintal, frente a frente, como se estivessem prestes a iniciar uma brincadeira que duraria a vida inteira.

Lucas mostrou a árvore de tronco inclinado onde começara, com martelo e tábuas velhas, a construir uma casa na copa. Paulo subiu na árvore sem hesitar, avaliou o projeto e disse que a porta estava no lugar errado. Passaram o resto da tarde cravando pregos tortos, discutindo posições e formas, inventando regras

---

para uma fortaleza que existia mais na cabeça deles do que na estrutura instável que tentavam erguer.

Daquele dia em diante, tudo ganhou um novo ritmo. Todas as tardes, depois da escola, se encontravam no quintal de um ou de outro, como se já soubessem, instintivamente, que ali começava algo raro. Brincavam com pedras, com galhos, com o que houvesse. Inventaram armas de gravetos, mapas secretos desenhados em cadernos escolares. Construíram uma pipa com papel de seda azul e vermelho, cortaram bambu no terreno baldio, fizeram cola com farinha de trigo. A pipa voou no primeiro dia de vento forte, riscando o céu como um presságio de liberdade.

Não demorou para que fossem vistos pela vizinhança como um só nome. Juntos iam à padaria, jogavam bola no campo de terra atrás da escola, dividiam o lanche, as ideias, os silêncios. A amizade nasceu simples como uma semente jogada na terra fofa, mas logo se enraizou fundo, como se cada um tivesse, no outro, uma espécie de espelho imperfeito e necessário.

Desceram ao córrego com latas de sardinha vazias, pegaram minhocas no quintal da casa de Lucas, ficaram horas sentados na margem, esperando os lambaris morderem a isca. Voltavam com cinco ou seis peixes, que as mães fritavam para o jantar. Inventaram um carrinho de rolimã com tábuas e rolamentos de ferro, desciam a rua aos gritos, desviando das pedras e dos buracos. O carrinho quebrou numa manhã de domingo, quando bateram no poste de luz.

Estudaram na mesma escola do Ensino Fundamental. O prédio tinha quatro salas, um pátio de chão de cimento, uma horta onde plantavam verduras, legumes e frutas. Sentavam juntos na carteira dupla, copiavam um do outro durante as provas, levavam bronca da professora por conversarem durante a aula de matemática.

Descobriram a paixão pelos filmes. O único cinema da cidade funcionava apenas aos sábados e domingos, exibia filmes de faroeste e aventura. Compravam pipoca no saco de papel, se sentavam na primeira fila, saíam da sessão imitando os gestos dos cowboys.

Formaram um time de futebol com os meninos da rua. Jogavam no campo de várzea, com traves feitas de galhos de árvore. Paulo jogava de atacante, Lucas de goleiro. Perdiam quase todos os jogos, mas voltavam para casa sujos de terra e satisfeitos. Durante as férias de julho, construíram uma cabana no mato atrás da casa de Paulo. Levavam histórias em quadrinhos, garrafas de água, biscoitos roubados da cozinha. Passavam o dia inteiro lendo e planejando novas aventuras.

A mãe de Lucas costurava roupas para fora. A máquina de costura ficava na sala, perto da janela. Os meninos brincavam no chão, montando quebra-cabeças ou jogando damas, enquanto escutavam o barulho ritmado da máquina. O pai de Paulo cultivava uma horta nos fundos do quintal. Plantava tomate, pimentão, quiabo, jiló. Os meninos ajudavam a regar as plantas, a arrancar o mato, a colher os frutos maduros. Ganhavam dinheiro vendendo os legumes para os vizinhos.

Quando completaram nove anos, ganharam bicicletas no Natal. Bicicletas simples, aro vinte, uma vermelha, outra azul. Não dormiram direito naquela noite, acordaram cedo no dia seguinte, engoliram o café da manhã e saíram pedalandando antes mesmo do sol esquentar o chão de terra batida. Descobriram um novo modo de liberdade. Cortavam a cidade de ponta a ponta, da estação ferroviária à igreja matriz, passando pelas ruas do comércio, pelo campo de várzea, pelos becos escondidos onde inventavam histórias de espionagem. Conheciam cada atalho, cada buraco traiçoeiro, cada ladeira que exigia impulso ou coragem. Andavam em fila, um atrás do outro, gritando para avisar os buracos, dando risada quando algum dos dois quase caía. Voltavam no fim da tarde com as pernas doendo e os cabelos desganhados de vento, sujos de poeira. A cidade era deles, ou, pelo menos, era o que acreditavam.

Aos quinze anos, tudo mudou. As famílias de Lucas e Paulo se mudaram para uma cidade maior. As razões eram práticas, melhores escolas, mais oportunidades, futuro promissor. Mas para os meninos, foi como trocar um mundo inteiro por um quebra-cabeça novo, onde quase nenhuma peça se encaixava. Na nova cidade, as ruas tinham semáforos, o trânsito era barulhento, os vizinhos trancavam os portões com cadeados. O cheiro do mato deu lugar ao cheiro de gasolina e de asfalto. Acordavam mais cedo, enfrentavam ônibus lotado, levavam lanche na mochila porque a merenda da escola era pior. A escola pública onde estudaram juntos era maior, com mais salas, mais alunos, mais

---

regras. Não sentavam mais na mesma carteira, mas continuavam juntos no intervalo, dividindo as observações sarcásticas sobre os professores e os colegas.

Foram os primeiros a rir dos apelidos dados aos colegas, os primeiros a notar a mudança de corpo das meninas, os primeiros a se encantar com a cidade grande e a se assustar com ela. A bicicleta virou peça de garagem, agora andavam a pé, ou de ônibus, ou pegavam carona com alguém mais velho. A infância parecia ter ficado para trás junto com a rua de terra, o córrego, o pé de goiaba.

Descobriram o álcool pouco tempo depois de se mudarem. Era uma espécie de rito de passagem silencioso, ninguém dizia que era necessário, mas todos pareciam saber. Compravam cachaça no bar da esquina, um estabelecimento escuro, com uma TV antiga ligada no volume máximo e um dono que jamais pediu documentos. O homem apenas levantava os olhos, avaliava com um olhar cúmplice e encardido, e empurrava a garrafa pela metade do balcão. O troco vinha amassado, a vergonha era engolida junto com o primeiro gole. Escondiam a bebida numa mochila e seguiam para o Parque Municipal, onde havia um banco de madeira sob uma figueira que parecia existir só para eles. Ali, longe dos olhos dos pais e das exigências do mundo, sorviam goles curtos, contidos, como se aquilo os aproximasse de um segredo adulto.

O gosto era horrível, queimava a garganta, fazia os olhos lacrimejarem. Mas insistiam, como se o ato de beber fosse mais importante que o prazer de o fazer. Falavam sobre as meninas da escola, quem usava sutiã de renda, quem olhava de volta nos corredores. Comentavam os professores, imitavam suas

---

manias, riam das notas baixas como se fossem medalhas. Às vezes, o álcool soltava as palavras e os sonhos, falavam de viajar o mundo, de ser artistas, escritores, músicos, de viver uma vida menos cinza que a dos adultos que viam ao redor.

Logo começaram a frequentar as festas da turma da escola. Festas em casas sem pais, com som alto, luzes piscando e colchões empilhados nos cantos. Levavam garrafas de vodca misturada com refrigerante de limão, numa proporção perigosa para estômagos inexperientes. Bebiam rápido, como se quisessem chegar logo a algum estado novo de existência. Riam de tudo, da própria embriaguez, dos tombos dos outros, das danças desajeitadas. Ensaivavam passos, encostavam os corpos nos das meninas, erravam o ritmo, acertavam o toque, tremiam nas mãos.

Voltavam para casa de madrugada, muitas vezes sem saber ao certo o caminho. Ruas vazias, cortadas por postes amarelos e o som distante de um cachorro latindo. Paravam nos postes para não cair. Riam da tontura como se fosse uma piada pessoal. Apoiavam-se um no outro, às vezes em silêncio, como dois naufragos que se recusavam a afundar. Acordavam no dia seguinte com dor de cabeça, boca seca e gosto de mofo na língua. Riam de novo, agora da ressaca, da falta de memória, dos olhos vermelhos. Diziam que da próxima vez beberiam menos, e, claro, nunca cumpriam a promessa.

Com o tempo, o álcool deixou de ser apenas aventura e começou a fazer parte do cenário, como o tênis surrado, o fone de ouvido pendurado no pescoço,

---

o cheiro de cigarro no casaco. Era a senha de entrada para o mundo adulto, ainda que nenhuma das promessas desse mundo parecesse tão bonita quanto pareciam antes do primeiro gole.

A primeira experiência sexual de Paulo aconteceu com uma prima distante que visitava a cidade nas férias. Ela tomou a iniciativa no quarto dos fundos da casa da avó. Ele contou para Lucas no dia seguinte, descrevendo cada detalhe com nervosismo e orgulho. Lucas perdeu a virgindade duas semanas depois, com uma colega de turma durante uma festa. Foram para o quarto vazio da casa onde acontecia a comemoração. Ela sabia o que estava fazendo, ele fingiu que também sabia.

Começaram a frequentar as festas com mais interesse, não apenas pelo som alto, pelas luzes coloridas ou pela bebida gratuita, mas pela possibilidade de toque, de descoberta, de validação. As festas deixaram de ser apenas diversão e se tornaram território de caça silenciosa. Passavam mais tempo diante do espelho, trocavam dicas sobre desodorantes, colônias, camisetas que realçavam os ombros. Observavam os movimentos das meninas, as expressões, os olhares desviados ou mantidos por tempo demais. Aprenderam a dançar colado, mesmo que o ritmo fosse quebrado. Aprenderam que o beijo no pescoço tinha efeito hipnótico, que uma frase ao pé do ouvido, dita com a voz certa, podia mudar o rumo de uma noite.

Ficavam com meninas diferentes a cada fim de semana. Algumas já esperavam por eles. Outras exigiam mais paciência, mais conversa, mais

insinuação. Desenvolveram técnicas, para lidar com as mais tímidas, que tremiam ao primeiro toque, e com as mais experientes, que sabiam exatamente o que queriam. Lucas era mais direto, Paulo mais sutil. Ambos colecionavam histórias como se fossem medalhas. Trocavam detalhes como se trocassem figurinhas raras, como se o corpo das garotas fosse um território a ser mapeado e vencido.

Transaram depois do baile de carnaval, sob as luzes fracas da quadra decorada com serpentinas. Após o jogo de futebol, ainda suados, no vestiário improvisado da sede do clube. Durante um acampamento, com cheiro de mato e o barulho dos grilos misturado aos gemidos contidos. Com a colega de turma que usava saia curta e olhos sonolentos. Com a irmã mais velha de um amigo, que os olhava com um misto de deboche e desejo. Com a balconista da loja de roupas do Centro, que falava pouco, mas mordida os lábios com força.

Competiam, mas sem admitir. Faziam apostas silenciosas, qual delas aceitaria sair, qual delas cederia no segundo encontro, qual delas era mais ousada na cama. Criavam códigos, esboçavam rankings, zombavam das recusas como se fossem acidentes de percurso. Nunca discutiram sobre o limite do desejo alheio, estavam mais interessados na confirmação de sua virilidade do que em qualquer reflexão moral. Tudo era conquista, performance, domínio. A masculinidade era uma armadura que precisavam manter brilhando, mesmo que por dentro já houvesse dúvidas, inseguranças e solidão.

Descobriram os motéis da rodovia que ligava a cidade à capital. Nomes chamativos, fachadas discretas, paredes com espelhos. Aos sábados, quando os

---

pais pensavam que estavam jogando futebol no clube, partiam em direção ao asfalto quente da BR. Dividiam a conta do quarto, às vezes rindo das decorações exageradas, às vezes em silêncio, cada um no seu ritual. Cada um levava sua parceira do momento, e ao saírem, um pouco envergonhados, um pouco vaidosos, trocavam olhares cúmplices.

Havia, contudo, um vazio que começava a se insinuar, mesmo que nenhum dos dois ainda soubesse nomeá-lo. Um cansaço que nem sempre era físico. Uma dúvida que surgia nos intervalos entre uma conquista e outra, quando o corpo já não respondia com o mesmo entusiasmo, ou quando o rosto da garota do dia seguinte se confundia com o da semana anterior. Mas, como tudo o que não sabiam lidar, enterravam esse incômodo sob mais uma noite de festa, mais um copo de vodca, mais um beijo sem promessas.

Durante as manhãs de domingo, sentados no banco do Parque Municipal, relatavam as experiências da noite anterior. Comparavam técnicas, discutiam sobre o que funcionava melhor, trocavam conselhos sobre preservativos e posições. Tiveram várias parceiras, algumas apenas uma vez, outras durante alguns encontros. Nunca brigaram por causa de uma mulher, sempre respeitaram a vez do outro.

Na festa de formatura do Ensino Médio, um colega trouxe maconha para a turma. Fumaram atrás do ginásio de esportes, passando o cigarro de mão em mão. Paulo tossiu muito na primeira tragada. Lucas ficou com os olhos vermelhos e sede, dava gargalhadas. Experimentaram mais algumas vezes durante os fins

---

de semana. Compravam de um rapaz que vendia na praça perto da rodoviária. Fumavam no apartamento de um amigo, ouvindo música e comendo biscoitos. Conversavam sobre filosofia, sobre o sentido da vida, sobre os livros que estavam lendo, Baudelaire, Rimbaud, Genet, Wilde, geração *beatnik*.

Começaram a frequentar o teatro municipal. Assistiam às peças, discutiam os filmes do cinema de arte, escreviam contos e poemas. Paulo queria ser jornalista, Lucas, professor de literatura. Entraram na universidade no mesmo ano, Paulo no curso de Comunicação, Lucas em Letras. Certa noite, para comemorarem a entrada na universidade, foram a uma festa em casa de um garoto de família rica. Havia cocaína no banheiro. Cheiraram algumas carreiras do pó. Ficaram eufóricos, falaram sem parar durante horas, dançaram até o dia amanhecer. Usaram cocaína mais algumas vezes, em festas. Paulo disse que não gostava da sensação de aceleração, Lucas concordou que preferia a maconha, que deixava tudo mais calmo e interessante.

Começaram a dividir um apartamento de dois quartos perto do campus da universidade. Era um lar improvisado, mas era o deles. Montaram os quartos com colchões no chão, prateleiras feitas de tijolo e tábuas, pôsteres de bandas e filmes colados com fita adesiva. A geladeira quase sempre vazia exibia uma rotina de sobrevivência estudantil, ovos, macarrão instantâneo, pão dormido, cervejas baratas.

Cozinham juntos de forma desastrada. Discutiam o ponto do arroz, erravam o tempero, queimavam omeletes. Quando acertavam, brindavam como

---

se fosse uma vitória. Estudavam em horários diferentes, mas compartilhavam o silêncio das noites de prova e o barulho das manhãs de ressaca. Durante a semana, cada um se concentrava em suas disciplinas, projetos, leituras obrigatórias, mas nos fins de semana, o velho pacto da adolescência se mantinha, saíam juntos, davam risada das mesmas piadas, revisavam os fracassos amorosos, compartilhavam silêncios confortáveis, como quem conhece o outro há tempo demais para precisar de palavras o tempo todo.

Continuaram a usar drogas, mas em quantidade menor. O encantamento juvenil dera lugar a uma parcimônia quase técnica, fumavam um baseado à noite para relaxar, para “pensar melhor”, diziam, ou para suportar a angústia de mais uma aula entediante. A cocaína, que antes parecia um atalho para a euforia, foi ficando rara, agressiva demais. A erva era mais leal. Às vezes compravam juntos, dividiam a seda, riam das ideias mais absurdas, acreditando que estavam à beira de descobertas revolucionárias. Falavam sobre Bakhtin, sobre Barthes, sobre o caos da existência e o sabor do feijão feito pela mãe. Fumavam na varanda do apartamento, olhando a cidade lá embaixo, como se estivessem flutuando um pouco acima da vida adulta.

A bebida também permaneceu, mas agora com tons mais maduros, ou assim gostavam de pensar. Cerveja artesanal quando o orçamento permitia, vinho barato nos jantares com as namoradas, sempre escolhido pela estética do rótulo e não pela origem da uva. Tinham menos tempo livre, mais preocupações. Falavam em estágio, em currículo Lattes, em futuro. Mas, por trás dessas

---

palavras, escondiam o medo de que o tempo da despreocupação estivesse se esvaindo. E estava.

As namoradas, que no começo circulavam entre festas e encontros casuais, começaram a ocupar espaço fixo nas conversas e na rotina. Foram deixando escovas de dente, camisetas velhas, livros emprestados. No começo, dividiam o mesmo sofá, as mesmas garrafas, os mesmos risos. Depois, começaram a ir menos às saídas com os amigos, a preferir programas a dois. Os jantares a quatro tornaram-se mais frequentes, massa com molho pronto, música baixa, velas improvisadas. Discutiam playlists, livros, teorias, filmes, séries, leituras de semestre. Paulo falava com entusiasmo sobre uma pauta nova na rádio universitária. Lucas contava de uma aula inspiradora sobre poesia barroca. As garotas riam, participavam, serviam mais vinho. Havia afeto ali, e, junto, uma estranha sensação de que algo escapava pelas bordas.

A convivência, antes leve, começou a apresentar fissuras discretas. Uma toalha molhada na cama, um atraso no pagamento do aluguel, uma panela esquecida na pia por três dias. Eram irritações pequenas, mas constantes. Começaram a se trancar mais nos quartos, a conversar menos sobre tudo. Às vezes, cruzavam-se na cozinha em silêncio. Às vezes, falavam demais sobre nada.

E ainda assim, havia carinho. Mesmo quando tudo parecia mudar, mesmo quando o futuro ameaçava em cada esquina, havia entre eles um fio invisível que os mantinha conectados, um tipo de memória viva, entranhada nos hábitos, nas

---

manias, nas cicatrizes que um conhecia no outro melhor do que qualquer namorada seria capaz de saber.

As namoradas fixas apareceram no terceiro período da faculdade. Paulo começou a sair com Carla depois de três encontros casuais que se tornaram mais sérios. Lucas conheceu Joana numa festa e decidiu que queria algo mais duradouro. Pararam de contar detalhes íntimos um para o outro, respeitando a privacidade dos relacionamentos sérios.

No quinto período da faculdade, a rotina começou a se fraturar. Paulo conseguiu estágio numa rádio local, uma oportunidade que ele aguardava com ansiedade desde o início do curso. Começou fazendo plantão aos sábados, lendo boletins de trânsito, selecionando trilhas para programas de madrugada, revisando pautas sem crédito. Voltava para casa exausto, o cheiro do estúdio impregnado na roupa, os olhos vermelhos de cansaço e excitação. A rádio o absorvia por completo, não apenas o tempo, mas o pensamento. Falava pouco, cada vez menos, e quando falava, era sobre o trabalho, o apresentador arrogante, a confusão com a pauta policial, a entrevista que caiu em cima da hora.

Lucas, por sua vez, começou a dar aulas particulares de redação e literatura para alunos do Ensino Médio. Preparava apostilas, corrigia redações a lápis, inventava exercícios com trechos de Carlos Drummond e Caio Fernando Abreu. Descobriu que tinha jeito para a coisa, paciência, escuta, certa empatia. Voltava para casa com cadernos rabiscados, histórias de alunos e anedotas de sala de

aula. Tentava dividir isso com Paulo, mas ele ouvia pouco, sempre com o olhar perdido, respondendo com monossílabos.

Lucas se formou primeiro. A colação foi num auditório abafado, com discursos longos e palmas espaçadas. Paulo não apareceu. Disse que estava de plantão. Lucas não insistiu. Dias depois, conseguiu uma vaga como professor numa escola particular, depois de três entrevistas e um plano de aula sobre a poesia marginal. Era pouco dinheiro, mas havia carteira assinada, crachá, café de garrafa térmica na sala dos professores.

Paulo ainda tinha um semestre pela frente. Preferiu se mudar para um apartamento pequeno, mais próximo da rádio, pra otimizar o tempo, disse. Levou consigo algumas roupas, a cafeteira velha, os livros de jornalismo, o notebook e uma panela. Não falou em despedida. Apenas avisou. Lucas ajudou a descer as caixas, observando em silêncio a sala esvaziada, as marcas dos móveis no piso.

Depois disso, começaram a se ver com menos frequência. Lucas ainda ligava de vez em quando, às vezes para contar alguma novidade, às vezes por pura tentativa de manter vivo um laço que já mostrava sinais de desgaste. Paulo quase sempre dizia que estava ocupado, que tinha uma reunião, uma pauta urgente, um prazo apertado. Às vezes retornava a ligação dias depois, com pressa na voz e desculpas genéricas.

Quando se encontravam por acaso, na rua, na fila do supermercado, na porta de algum bar, a conversa durava poucos minutos. Um “como vai?”, um

---

---

“trabalhando muito?”, e logo vinha a frase ritual de Paulo, “Preciso ir, tô meio atrasado”. E já olhava o relógio, como se cada segundo longe da rádio fosse um prejuízo irreversível. Lucas sorria, fingia compreender, dava um tapinha no ombro e seguia o próprio caminho com um silêncio que doía mais do que qualquer discussão.

Havia algo estranho nesse afastamento, não uma briga, não um rompimento. Era mais como um desgaste lento, um desfiar de laço, quase imperceptível, como uma fotografia que vai perdendo a cor com o tempo. Nenhum dos dois nomeava isso. Nenhum dos dois perguntava. Era mais fácil deixar a vida correr, cada um no seu trilho, como se o passado fosse uma coisa que mora numa caixa e não precisa ser aberta toda hora.

Lucas conheceu Natália numa festa de fim de ano da escola onde lecionava. Ela era professora de artes, tinha o riso fácil e um olhar que oscilava entre ironia e ternura. Dançaram juntos ao som de uma banda cover mal afinada, beberam vinho doce demais, dividiram um táxi na volta para casa. Nos dias seguintes, trocaram mensagens, livros, cafés rápidos no intervalo das aulas. O namoro começou sem alarde, mas rapidamente se firmou. Em oito meses, já dividiam as tarefas domésticas, os planos para o futuro, os silêncios no fim do dia.

Paulo foi ao casamento como padrinho. Chegou atrasado, de terno emprestado, cabelo desalinhado, com uma expressão de quem não sabia bem se devia estar ali. Fez um brinde curto, quase burocrático, mencionando a amizade dos velhos tempos, sem emoção na voz. Saiu antes da festa acabar, sem se

despedir direito. Lucas notou, mas preferiu não comentar. Estava ocupado demais com a gravata apertada, os cumprimentos, o esforço de manter o copo cheio e o sorriso no rosto.

Natália engravidou no primeiro ano do casamento. A notícia veio com enjoo, alegria e um certo pavor compartilhado durante a madrugada, no sofá da sala. Quando Lucas ligou para contar a Paulo, o amigo parabenizou com voz distante. Quando a criança nasceu, Paulo disse que passaria para conhecer o bebê assim que tivesse tempo. Nunca apareceu. Lucas esperou por alguns meses. Depois, parou de esperar.

Quando Ângela completou o primeiro aniversário a festa foi no quintal da casa da mãe de Natália, com balões coloridos, brigadeiro, bolo de chocolate coberto com confetes. Crianças corriam entre as cadeiras de plástico, adultos se revezavam nas conversas e no cuidado com os pequenos. Paulo não estava lá. Não esteve no primeiro aniversário. Nem no segundo. Lucas parou de convidá-lo. Primeiro por orgulho. Depois, por cansaço. Por fim, por esquecimento.

O tempo fez seu trabalho, como sempre faz. Paulo se casou com Vanessa, uma colega da rádio. Lucas soube meses depois, ao encontrar por acaso a mãe de Paulo na rua, empurrando uma sacola de compras. A mulher contou com alegria contida, como quem hesita em falar com alguém que já não pertence à família. Lucas sorriu, fingiu surpresa, desejou felicidades. Não foi convidado para a cerimônia. Nem esperava ser.

Os anos se passaram. A filha cresceu, a rotina se consolidou. Havia boletos, consultas pediátricas, reuniões pedagógicas. A lembrança de Paulo foi se dissolvendo entre tarefas urgentes e compromissos cotidianos. Até que, um dia, num encontro casual com um antigo conhecido, Lucas soube da morte da mãe de Paulo. Câncer no pulmão. Três anos antes. Ninguém avisou, nenhum telefonema. Apenas um nome mencionado entre um comentário sobre política e o aumento do IPTU.

Lucas agradeceu a informação com um aceno de cabeça, mas sentiu o estômago afundar. Lembrou daquela mulher franzina que servia bolo de fubá nas tardes de domingo, que ria alto quando os via sujos de lama depois de descer a rua de rolimã. Lembrou também da primeira vez em que dormira na casa de Paulo, dos chinelos gastos deixados ao lado da cama, do cheiro de sabão em pedra vindo do varal da cozinha.

Foi para casa em silêncio. Natália perguntou se estava tudo bem. Ele disse que sim. Jantaram em frente à televisão, com o noticiário misturando imagens de enchentes e debates vazios. Ângela mostrou um desenho que havia feito na escola. Lucas elogiou, disse que ela herdara o talento da mãe. Sorriu. Mas em algum lugar, atrás dos olhos, uma sombra antiga voltava a se formar.

Lucas teve a segunda filha, Maria Lúcia. O parto de Natália foi tranquilo, numa manhã de sábado, com o céu limpo e um cheiro doce de hospital que nunca mais conseguiu esquecer. Natália segurava o bebê com uma mistura de ternura e exaustão, enquanto Ângela, ainda pequena, tentava entender como cabia tanta

---

novidade num corpo tão pequeno. Lucas chorou baixo, sem alarde, com a testa encostada na janela do quarto da maternidade. Não ligou para Paulo. Não por mágoa, já não era exatamente mágoa, mas porque simplesmente não fazia mais sentido.

Paulo, nesse mesmo período, virou gerente da rádio. Ganhou uma sala envidraçada, um crachá com outro cargo e um aumento que veio junto com novas dores de cabeça. Apresentava-se agora com um tom levemente mais grave, como se o novo título exigisse sobriedade até nas conversas triviais. Compraram casas em bairros diferentes da cidade, Lucas, num conjunto tranquilo próximo a uma escola pública, Paulo, num condomínio de sobrados com portaria 24 horas e grama podada em linha reta.

De vez em quando, se esbarravam no Centro da cidade. Em frente à livraria, na fila da padaria, cruzando os semáforos em horários incertos. O reconhecimento era imediato, mas sem surpresa, como se ambos soubessem que, de tempos em tempos, o destino ainda os obrigaria a lembrar. O cumprimento era breve, um aperto de mão protocolar, um “como vai a família?”, seguido de uma observação sobre o calor fora de época ou as chuvas que nunca mais vinham na hora certa. A conversa nunca durava mais do que cinco minutos. Era como se houvesse um relógio invisível que ambos sentissem na nuca, contando regressivamente o tempo de convivência autorizada. Paulo olhava o celular, Lucas ajustava os óculos. E logo, com uma desculpa qualquer, cada um seguia o próprio caminho.

Às vezes, à noite, depois que as meninas iam dormir, Lucas contava para Natália sobre a amizade que teve com Paulo. Não com raiva, nem com saudade aparente, mais como quem revisita um lugar demolido, tentando lembrar onde ficavam as portas. Falava das madrugadas bebendo cachaça no parque, dos filmes de faroeste na primeira fila do cinema, das leituras compartilhadas de Rimbaud e Genet. Contava das promessas feitas no terraço do apartamento estudantil, de viajar juntos, escrever um livro, mudar o mundo. Natália escutava com atenção serena, mas nunca comentava. Apenas passava a mão nos cabelos dele, já ralos, com um gesto automático, como quem entende sem precisar responder.

As filhas cresceram. Ângela, a mais velha, entrou na universidade, escolheu psicologia. Gostava de ouvir os amigos, analisar o silêncio dos pais, montar teorias sobre a infância de desconhecidos. Maria Lúcia, a caçula, estava terminando o Ensino Médio. Era inquieta, curiosa, usava fones de ouvido o tempo todo, escrevia poemas que não mostrava a ninguém. Lucas sentia um orgulho discreto, desses que não precisam ser alardeados. Olhava para as duas e pensava, com alguma surpresa, que a vida havia se ajeitado. Não do jeito que ele imaginava aos vinte anos, claro. Mas ainda assim, viva, possível, construída com um tipo de paciência que ele não sabia que tinha.

Paulo não era mais assunto recorrente. Tinha virado uma espécie de nota de rodapé emocional, um nome que habitava o passado sem ocupar espaço demais no presente. Ainda assim, de vez em quando, Lucas sonhava com ele.

Sonhos estranhos, meio sem lógica, os dois meninos pedalando pela cidade antiga, ou sentados à margem do córrego pescando lambaris, ou rindo sem parar num banco do parque, com os rostos ainda jovens, intocados pelo tempo.

Acordava com uma sensação agri-doce no peito, olhava para o teto, para o ventilador girando devagar, para a sombra da estante projetada pela luz do poste, e pensava, talvez o tempo não apague tudo, talvez algumas amizades sobrevivam apenas como ruído de fundo, como uma música que a gente não ouve mais, mas que ainda sabe de cor.

No último encontro, na fila do banco, Lucas reconheceu Paulo de longe. O cabelo mais ralo, os ombros um pouco curvados, a mesma expressão de urgência no rosto. Estavam a poucos passos de distância, separados por uma divisória de metal e trinta anos de silêncio. Trocaram um cumprimento breve, quase automático, como se ainda fossem obrigados a manter um protocolo antigo. Falaram sobre o calor sufocante daquela manhã, sobre o trânsito da avenida principal, sobre o novo sistema de senhas que ninguém parecia entender.

Lucas arriscou um convite, perguntou se Paulo queria tomar um café ali perto, só para colocar a conversa em dia, um gesto simples, despretensioso, mas que exigia mais coragem do que ele gostaria de admitir. Paulo consultou o relógio com um suspiro seco, como se o tempo fosse sempre um inimigo, disse que tinha uma reunião importante, pediu desculpas com um sorriso constrangido. Apertaram as mãos, um gesto firme, mas sem calor. E então Paulo

---

se virou e foi embora, atravessando a rua com passos ligeiros, desviando das motos e dos buracos como se fugisse de algo que nem ele sabia nomear.

Lucas ficou parado na calçada por alguns segundos, observando Paulo desaparecer entre os carros, sumir como uma lembrança que se esfarela antes de ser recuperada por inteiro. Havia algo de irônico naquela despedida sem despedida, como se o tempo inteiro da amizade tivesse servido apenas para chegar até ali, até aquele não-café, aquele quase-encontro.

No caminho de volta para casa, caminhando devagar pelas calçadas irregulares, Lucas pensou que talvez Paulo tivesse sido apenas isso, um conhecido. Um rosto familiar entre tantos, alguém que passou pela sua vida como passam os colegas de trabalho que mudam de setor e desaparecem. Como os vizinhos que se mudam sem aviso, deixando apenas a marca de um carro que não está mais estacionado no mesmo lugar. Pensou nos anos em que dividiram segredos, copos, noites insones, amores desfeitos. Mas agora, tudo isso parecia pertencer a outra vida, uma que já não era sua, nem de Paulo.

Chegou em casa, abriu o portão com cuidado para não acordar o cachorro da vizinha. Beijou a esposa, perguntou como tinha sido o dia das filhas. Maria Lúcia comentou que faria o ENEM no final do ano. Ângela enviara mensagem dizendo que passaria o fim de semana fora, com o namorado. A televisão estava ligada no noticiário, como sempre. Imagens de enchentes no Sul, tentativa de golpe do ex-presidente responsável por uma carnificina durante a pandemia, a

previsão do tempo para o fim de semana. Jantaram juntos. Lucas comeu devagar, mastigando com mais atenção do que fome.

Não mencionou o encontro com Paulo.

Dormiu mal naquela noite. Acordou às três horas da madrugada com sede, foi até a cozinha em silêncio, bebeu água da garrafa na geladeira, olhou pela janela. A rua vazia. O poste da esquina piscava em intervalos irregulares. Se lembrou da pipa azul e vermelha, dos peixes miúdos fritos pela mãe, da cabana improvisada com tábuas velhas. Se lembrou do cheiro de terra molhada e do barulho das bicicletas passando pelas poças depois da chuva. Se lembrou de quando o tempo ainda não os havia separado.

Voltou para a cama. Natália ressonava baixinho. Se deitou de lado, encarou o teto escuro, pensou que, no fim das contas, algumas pessoas não somem de verdade, apenas se tornam ausências silenciosas, uma cadeira vazia num canto da memória, uma porta que nunca se fechou completamente. E adormeceu de novo, como quem aceita que certas histórias, mesmo sem fim, já terminaram há muito tempo.

Recebido em: 02/08/2025

Aceito em: 16/01/2026